

## “PRONTO, AGORA JÁ SOU MOÇA”:

### Símbolos e significados que marcam o corpo menstruado

Virgínia Palmeira Moreira<sup>(\*)</sup>

Mércia Rejane Rangel Batista<sup>(\*\*)</sup>

DOI 10.14393/CEF-v29n2-2016-3

#### Resumo

O interior do corpo feminino tem sido ao longo do tempo submetido a imagens e representações, que buscam dar significado a eventos que, mesmo se iniciando dentro do organismo da mulher, geram comportamentos e condutas que, respondem mais a uma dinâmica sociocultural, do que, propriamente, biológica.

**Palavras-chave:** Corpo. Menstruação. Gênero. Natureza. Cultura.

## "YES, NOW I AM GIRL":

### Symbols and meanings that mark the menstruating body

#### Abstract

The interior of the female body has been along the time subjected to images and representations. They seek to produce meanings to events that, even if starting inside the woman's body, generate behaviors that respond more to a socio-cultural dynamics than to a biological one.

**Keywords:** Body. Menstruation. Genre. Nature/Culture.

A condição humana implica numa complexa relação na qual, ao mesmo tempo em que nos reconhecemos parte de um todo através do compartilhamento de crenças, valores e condutas, nos fazemos por um processo de separação e diferenciação. Na chamada sociedade ocidental, nos defrontamos com um cenário no qual o discurso científico busca separar, classificar e delimitar o que pertence ao universo da cultura em contraponto ao

---

<sup>(\*)</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: [vi\\_palmeira@hotmail.com](mailto:vi_palmeira@hotmail.com).

<sup>(\*\*)</sup> Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal fluminense (1985), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Campina Grande, Professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, Coordenadora do Curso de Licenciatura Indígena (PROLIND) da UFCG. De 2009 a 2014 foi Professora Tutora do Grupo PET Antropologia (MEC/SESu). E-mail: [mercia.batista1@gmail.com](mailto:mercia.batista1@gmail.com).

Texto recebido em: 01/09/2016. Texto aprovado em: 20/11/2016.

que está sob o domínio da natureza. O Ocidente, a partir da construção do pensamento científico, se esforçou por distinguir em nós a condição humana em oposição à natureza, questão, esta, que é bastante complexa e que vem sendo rediscutida e problematizada<sup>1</sup>.

Contudo, sempre fomos confrontados com situações, que sendo obrigatórias, trouxeram para o interior do plano cultural uma plenitude natural. Na questão da condição feminina, sempre somos apresentados a diversos momentos nos quais a própria existência e a dinâmica destes responde mais a um ciclo cultural do que propriamente natural. Dentre estes, a menstruação constitui uma experiência permeada por múltiplas influências de ordem social, cultural, em que aspectos como crenças e valores, fazem deste um momento extremamente importante para se refletir sobre a dimensão simbólica que envolve o corpo feminino durante a experiência menstrual se materializando em práticas, condutas e saberes que são vivenciados no cotidiano.

A menstruação enquanto uma experiência marcada pela vergonha e pelo medo é contextualizada no âmbito da estrutura cultural, pois, mesmo este sendo um evento que faz parte de um processo natural, também constitui uma experiência culturalmente relacionada a questões de gênero, que aparecem em práticas corriqueiras do dia a dia e que está mapeada em nossos gestos, em nossas falas, no modo de se expressar, no nosso pensamento que vem a tona na forma de discurso. Encarada com vergonha e constrangimento por algumas mulheres, a menstruação vai ganhando significados no contexto de uma determinada cultura em códigos, metáforas, condutas e comportamentos que constituem dispositivos culturais.

Este texto é uma versão reduzida e adaptada para o formato de artigo de um trabalho de dissertação resultado de nossa inserção em campo durante o processo de mestrado em que nos propomos a investigar sobre como o processo menstrual vai sendo significado por um conjunto de mulheres que foram por instadas por nós a falar sobre práticas corporais de cuidados com o corpo durante o período menstrual, bem como sobre a evitação ao contato com o sangue proveniente da menstruação que nos permitiram elaborar uma reflexão sobre comportamentos e mentalidades a respeito do corpo feminino e seus fluidos.

Nos propomos neste artigo a elaborar uma breve reflexão através das memórias/relatos de um conjunto de mulheres, para pensar como a experiência de cada uma com o seu corpo, especialmente no processo de menstruar, nos permite desenvolver

---

<sup>1</sup> Questão explorada e, em alguma medida, dissolvida por, dentre outros: LATOUR, Bruno. 1994 [1991]. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34.

um exercício analítico que coloque em evidência padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos. Pois o corpo e a maneira como este é concebido, expresso pelo discurso, indica como os diferentes fatores (como a crença, a tradição, a educação, a economia, a dominação, dentre outros) se interconectam neste, que é o nosso mais presente companheiro.

### **“Eu tinha vergonha”: o corpo enquanto espaço de enunciações**

O corpo enquanto um espaço em que natureza e cultura dialogam, constitui um campo de produção e circulação de discursos, normas e representações que vão sendo historicamente assimilados e incorporados pela população em geral. Dentro desta lógica, o corpo feminino será pensado a partir de signos que se referem à maternidade, a inibição sexual, a domesticação do corpo, pautando o universo feminino dentro de um quadro de forças sociais que modelam comportamentos e valores femininos que enquadram a mulher em uma posição de submissão e recato, obedecendo, assim, a uma força moralizadora sociocultural.

O fato de menstruar, sem dúvida, gera consequências importantes para a vida social, à medida que este fenômeno produz comportamentos, emoções e sentimentos que não são, pelo menos exclusivamente, organizados pela biologia, mas, pela interação entre fenômenos biológicos e aspectos culturais e simbólicos. Seguindo este raciocínio, o modo como a menstruação será significada irá depender das interpretações que os indivíduos construiram para dar significado as manifestações biológicas inerentes ao corpo feminino.

Mulheres de diferentes idades e gerações nos relataram as sensações de incômodo e embaraço quando o assunto era a menstruação. Pudemos perceber ao longo dos relatos e memórias analisados que, mesmo em diferentes gerações, assim como em contextos específicos o fato de verter sangue pelo canal vaginal a cada mês produziu sensações que só podem ser compreendidas quando pensadas dentro de um determinado universo sociocultural.

Eu tinha vergonha. Eu tinha uma vergonha do povo ver, de pai chegar a ver, outra pessoa chegar assim e tá aquela panaria velha estendida. E outra, tinha que guardar que eu sabia que no outro mês por certo eu tinha que precisar né. Que mãe dizia: - precisa! Aí eu guardava. E nunca deixei pano velho embaixo de cama, nem calcinha, como eu vejo a minha nora, calça velha, suja, embaixo de cama. Vixe Maria! Você acredita que eu me casei, tive esses filhos tudinho e meu marido nunca viu um pano sujo meu. Não, Deus me defenda! Nunca vii na vida. (Açucena, divorciada, 66 anos de idade).

Aqui, Açucena nos dá pistas através de uma leitura cuidadosa de sua fala, de seus gestos, entonações e até mesmo dos seus silêncios durante a conversa, de como as marcas deixadas pelo sangue menstrual nos informam a respeito de uma moral que orientava o comportamento feminino no espaço familiar, representado em sua fala pela figura do pai, enquanto mãe, como também no casamento, representado aqui, pela figura do marido e da nora. Em um pequeno trecho de nossa conversa, nos revela como o sentimento de vergonha relacionado à menstruação, que se fazia visível nas manchas de sangue deixadas nos paninhos que serviam como aparador do fluxo sanguíneo proveniente da menstruação esteve presente ao longo de sua trajetória social.

Primeiro enquanto filha, quando nos fala da vergonha de que o pai chegasse a ver seus panos manchados de sangue, em seguida como mãe e sogra, quando nos fala sobre o descuido da nora: “calça velha, suja, embaixo de cama”. Dona Açucena demonstrava um sentimento de desaprovação ao comportamento da nora com relação ao modo utilizado por esta para esconder as manchas de sangue na calcinha. Deixar as manchas deste sangue na roupa, mesmo fora do campo de visão de outras pessoas, não era suficiente.

A fala de Açucena está amparada em um juízo moral que vem escudado em uma autoridade atribuída a uma mulher mais velha que completou sua trajetória social como esposa, mãe e avó. Quando reclama do descuido da nora com relação à calcinha suja de sangue escondida embaixo da cama, dona Açucena está inconscientemente submetendo a nora a um enquadramento a um determinado padrão sociocultural, oferecendo àquela que destoa o ácido veneno da língua maliciosa, através da negação de suas ações e postura com relação à discricção das regras menstruais. Neste sentido a mulher cuidadosa, limpa, caprichosa nos afazeres e nos cuidados com a casa, a família e o corpo se apresenta como arauto da moralidade que incendeia a esfera da existência alheia a partir de seus juízos subjetivos.

No que se refere aos cuidados com o corpo durante a menstruação, a fala acima nos revela um comportamento normatizador por parte das mulheres, principalmente das mulheres mais velhas, mães, avós e tias em relação às mulheres mais novas através de posturas e julgamentos que ganham força em atitudes de avaliação do comportamento alheio ao vincular posturas e cuidados femininos com relação ao corpo menstruado a valores morais que são inconscientemente assimilados e reproduzidos. De modo que a permanência daquele sangue na roupa poderia ser compreendida dentro de uma moral

feminina, como um indicador de desleixo, de uma mulher descuidada. Aqui, mais uma vez, podemos perceber como o sangue menstrual é tido como sinal de vergonha, mas, também, provoca sensações de asco, relacionados à sujeira e imundice.

No corpo, a ordem fisiológica e a ordem ideológica se fundem estabelecendo um diálogo entre o significante, isto é, os processos corpóreos, tais como a menstruação, e o significado, ou seja, como apreendemos o corpo e explicamos seu funcionamento orgânico. Assim, as reações de nojo, repulsa, vergonha, dentre outros sentimentos e emoções que permeiam a menstruação é produto desta relação entre o sensível e o inteligível. A mulher que não é capaz de limpar seus “panos”, de modo a retirar deles toda nódoa deixada pelo sangue menstrual, talvez não seja uma mulher honrada, correta, boa esposa. Pois, a mancha de sangue no pano pode significar uma mulher suja, desavergonhada, no sentido de sentir vergonha de expor sua sujeira aos olhos alheios, uma mulher negligente com os cuidados no lar e tudo o que nele está embutido (casa, comida, maternidade, matrimônio). Principalmente, uma mulher suja porque o seu corpo se expõe através dos fluidos que advindos dele se inscrevem nos tecidos. De modo indelével, de modo insofismável e de modo legível. Um texto que a sociedade não aceita e não permite que se enuncie sem que o julgamento social se faça de modo contundente. Ao passo que, quando dona Açucena diz: “Você acredita que eu me casei, tive esses filhos tudinho e meu marido nunca viu um pano sujo meu”. Está nos informando a respeito de práticas como, tonar invisível seu período menstrual através do cuidado em esconder as manchas de sangue dos olhos alheios, principalmente dos olhos masculinos, inclusive do seu marido, pode indicar uma conduta feminina que se dá em coerência com o papel de filha, mãe e esposa a ser desempenhado em uma determinada conjuntura social. Dona Açucena nos conta sobre seu esforço em fazer desaparecer as manchas da vergonha, da sujeira e do desleixo:

Agora minha filha, os meus panos eu lavava e escondia dentro de um marmeleiro tão grande nesse mundo que só quem sabia que estava lá era eu. Eu fazia uma paredinha, tinha uma paredinha. Pensa que eu estendia em cerca? Não, minha filha! Eu tinha uma paredinha assim dentro de um marmeleiro num riacho e eu botava tudinho lá. Lavava aquilo tudo bem lavadinho, deixava parecendo um coco. E aquilo eu deixava levar sol e sereno, levava sol e sereno, e sereno, e sereno, e sereno. Aí quando já tinha levado muitos dias de sol e sereno. Aí eu dobrava lá no mato, dobrava bem dobradinho, trazia o pacotinho já arrumadinho pra naquele mês já tá tudo ali guardadinho. (Açucena, divorciada, 66 anos de idade).

Reutilizar os mesmos panos, já utilizados e lavados e mesmo assim marcados e vergonhosos, implicava em realizar um esforço em não se deixar perceber, tornar-se invisível aos olhos daqueles com quem convivia até mesmo na intimidade do lar, principalmente aos olhos masculinos. Lavar os paninhos, esperar até que estivessem secos e prontos para serem utilizados novamente consistia em um esforço solitário, fora das vistas do outro, algo a ser feito na esfera do segredo. Deixá-los pronto para o uso, significava deixá-los alvos, brancos, o que lhes garantiria um aspecto não só de limpeza na qualidade de aseado, mas limpo no sentido de puro, imaculado, distante de qualquer mancha que lhe roubasse a auréola de pureza em que deveria estar envolto. O que pode indicar que os objetos guardam aí uma conexão muito direta com os seus proprietários. Uma relação de humanização das coisas ou de objetificação das pessoas. Bem, o certo é que pano e mulher guardam uma relação especialmente íntima, de tal modo que um reflete o outro. No melhor estilo: - o hábito faz o monge. O paninho menstrual faz a mulher digna ou indigna.

As cores nos panos podiam ganhar significados extremamente antagônicos, enquanto o branco representava pureza, aseio, honra, esmero, imaculado, entre outras qualidades. O vermelho, representado pela mancha de sangue deixada pela menstruação podia ser lido como o obscuro, sinal da vergonha, da sujeira, da mácula, da impureza. O vermelho do sangue apontava para a um estado de desonra ao qual a mulher estava exposta ciclicamente.

Com relação às cores vermelho e branco, segundo Sahlins (1979), as cores são construtos sociais que ganham sentido e significado dentro de um contexto cultural. Na sociedade ocidental, o vermelho e o branco possuem significados antagônicos que se reforçam quando relacionamos estas cores a sensações, sentimentos e valores que se opõem um ao outro. Assim, as cores não se explicam por si mesmas, mas apenas, quando estão associadas a noções culturais que são previamente internalizadas. Existem determinados elementos, tais como o sangue ou o leite que, quando pensamos, ou tentamos visualizá-los mentalmente, nos vem automaticamente à mente a cor vermelha ou branca respectivamente. No entanto, para além do caráter objetivo da cor como apenas uma forma de descrição de um dado elemento, as cores constituem códigos semióticos que informam a respeito de estruturas significantes.

As cores, vermelho e branco constituem categorias que, como diria Lévi-Strauss (1962), são “boas para pensar”, à medida que estas cores configuram elementos que estão carregados de valores morais, que por sua vez são construídos em um determinado

referencial cultural. Isto implica pensar que estas cores podem estar relacionadas a aspectos abstratos que atribuem a elas um significado especial. É comum em nossa sociedade a associação do vermelho a ideias como impureza, luxúria, lascívia, paixão, sexo, entre outras. Enquanto que ao branco são associadas noções como pureza, paz, tranquilidade, limpeza, santidade, castidade. Podemos depreender então, que, a forma como reconhecemos as cores está diretamente ligada a um processo sociocultural que estabelece uma correlação entre cor, ideias, conceitos e valores. O vermelho e o branco têm para nós um significado que expressa diferenças como, por exemplo, puro/impuro; sexo/virgindade; paixão/amor. O vestido branco da noiva durante a cerimônia de casamento atesta que aquela moça é casta, pura sem mácula, e, sobretudo, virgem. Percebemos mais uma vez como o significado da cor branca se afirma em oposição ao vermelho. É comum nos dias atuais, a realização de festas restritas apenas a amigos e pessoas do convívio habitual que funcionam para os noivos como uma espécie de despedida de uma condição social (solteiro) para o início de uma nova fase (o casamento), esses eventos ficaram conhecidos como “despedida de solteiro (a)”. Entre as mulheres especialmente, estes eventos são marcados por conversas descontraídas entre amigas a respeito da relação sexual do casal, a nubente geralmente é presenteada pelas amigas com peças do vestuário íntimo feminino, além de cremes, óleos, entre outros elementos que tem como objetivo “apimentar” a relação sexual entre os noivos. Entre estes itens, a lingerie vermelha nunca fica de fora, peça fundamental que associa à mulher a ideia de sexualidade, luxúria, prazer. Uma mulher que está totalmente dissociada da ideia de noiva imaculada, vestida de branco presente no ritual religioso de tradição cristã. Sendo que no momento em que se realiza uma despedida de solteiro estamos nos defrontando com um ritual que indica uma condição de liminaridade, por isso, propício ao manuseio de símbolos que permitam a transição entre uma condição e outra, constituídas socialmente. Entre a moça e a mulher, entre a solteira e a casada, a sociedade indicam condições que são opostas e que não podem se deixar tocar, sob pena de indeterminação e falta de ordem como bem indica Douglas (1966) ao chamar a atenção para a forma como lidamos com determinadas substâncias produzidas pelo corpo que expressam uma forma específica de lidar com elementos que estão fora do nosso controle. Neste caso, tanto a ideia de pureza quanto de purificação, podem demonstrar um esforço segundo Douglas, criativo e positivo, de regular aquilo que desafia a ordem estabelecida. A moça deve desaparecer para emergir no lugar a mulher. Porém, não qualquer mulher e sim a casada. Aí o sexo é permitido e imposto. Logo, na despedida de solteiro se faz o excesso de objetos, se

significados, que depois serão depurados e recolocados numa série que torna-se aceitável socialmente.

O modo como apreendemos as cores se dá em conformidade com os nossos sentidos, ou seja, reconhecemos mentalmente a cor através de mecanismos ordenadores do pensamento que operam de modo predeterminado. Isto implica pensar que os fatos, neste caso, mas especificamente as cores, constituem uma realidade natural que é, pelo menos em parte, apreendida pelo homem através de mecanismos culturais que classificam, manipulam e enquadram as cores, assim como outros tantos elementos como produtos culturais perpassados por sentimentos e emoções. No que diz respeito à associação da cor vermelha ao sangue, e em especial ao sangue menstrual e, por conseguinte a ideia de impureza a que está associada esta cor, nos ajuda a pensar a respeito da relação entre natureza e cultura.

Assim, ao nos apropriarmos de elementos naturais, como sangue, processarmos mentalmente este elemento através de canais de apreensão cultural, ao nomear, caracterizar e classificar o sangue proveniente da menstruação, estamos na verdade, realizando um esforço subjetivo de estabelecer uma separação entre aquilo que é parte do universo natural e o que diz respeito ao mundo da cultura.

É comum nos dias atuais, nos depararmos com propagandas publicitárias veiculadas em mídias audiovisuais como televisão e internet sobre tipos e modelos de absorventes os mais variados. Aliás, vale ressaltar que, este tipo de produto veio substituir os chamados “paninhos” tão utilizados outrora, como nos conta dona Begónia:

E eu não sabia como fazia porque não sabia que tinha que usar pano, na época não era absorvente não, isso é muito chique, na época era paninho mesmo.  
(Begónia, viúva, 73 anos de idade)

As mensagens publicitárias para venda de absorventes em geral passam por um processo de metaforização imagético-televisiva, ou seja, o fluxo sanguíneo proveniente da menstruação é substituído na mídia televisiva por um líquido azul transparente que se deixa escorrer como forma de demonstrar a capacidade de absorção do produto (absorvente). A cor azul apresentada na imagem audiovisual em substituição ao vermelho faz referência a conceitos como puro/impuro, sujeira/limpeza, em que o azul vem representar a ideia de limpeza e higiene, sendo, portanto, a cor presente na maioria dos produtos de limpeza apresentados pelo mercado nos dias atuais.



Podemos depreender deste processo de conversão do vermelho do sangue pelo azul implica em um processo de purificação deste sangue. Limpo e azulado, ele pode escorrer nas mídias televisivas sem causar nojo, repulsa ou vergonha. Como também a superfície do absorvente é imaculadamente branca, não se aventando nenhuma possibilidade de se utilizar outra cor para o mesmo. Portanto, o azul submete o sangue a um processo de purificação que o torna visível a todos sem causar nenhum tipo de constrangimento. Esconder o corpo constitui uma das muitas formas de fazer-se mulher. Portanto, fazer-se mulher implica em um processo de construção que envolve linguagem, representações e símbolos que nos informam a respeito de um universo cultural.

### **A relação entre ação e linguagem**

Ah... Tinha muitos nomes que chamavam quando se estava naqueles dias, tinha uns que chamavam *de Chico, de boi, de bode*. Minha mãe dizia que tinha se *quebrado o pote* quando a mulher menstruava. (Margarida, Viúva, 63 anos de idade).

Existem em nossa sociedade palavras e assuntos que se não são de todo proibidas, são pelo menos evitadas em público. Determinados eventos relacionados ao corpo geram reações como vergonha, medo, receio, sentimentos que se manifestam através de palavras e expressões que fazem referência a um dado assunto sem o dizê-lo diretamente.

Neste caso, lança-se mão de figuras de linguagem como metáforas e eufemismos como forma de tornar mais leve ou suavizar a carga negativa que carregam tais eventos. As metáforas utilizadas para se referir à menstruação nos remetem a um tabu linguístico em que determinadas palavras são utilizadas para substituir o verdadeiro nome de um fenômeno que por vergonha, medo ou receio preferimos não falar. No caso da menstruação é comum nos depararmos com expressões como estar de chico, de boi, de bode, estar de regras, naqueles dias, estar doente, indisposta, doente dos tempos, entre outros termos. O modo codificado de se referir ao próprio corpo durante a menstruação nos permite refletir sobre como fenômenos comportamentais estão enredados em uma trama linguística, em que as palavras quando analisadas isoladamente nem sempre conseguem dar sentido a um dado fenômeno social, porém quando examinadas dentro de um contexto específico nos ajudam a compreender como determinadas palavras configuram expressões tabus. A palavra boi, por exemplo, analisada isoladamente, será compreendida como um substantivo masculino que serve para designar certo animal.

Contudo, quando analisamos esta palavra dentro de uma circunstância específica, como a menstruação, esta palavra passa a ser compreendida como uma expressão utilizada por algumas mulheres para se referir ao seu período menstrual. Este tipo de reação linguística também é encontrado quando nos referimos a estados anômalos do corpo como doenças e anomalias físicas e mentais. É como que determinadas doenças como o Câncer ou doenças sexualmente transmissíveis por serem considerados males que fogem ao controle do indivíduo algumas pessoas se recusarem a pronunciar nomes de coisas consideradas nojentas expressam um temor de seu contágio, bem um temor de sua realidade, pois falar de uma coisa aumenta a realidade, dando a ideia de proximidade dessa coisa. A representação que se constrói em torno de determinados processos fisiológicos, bem como acerca de certos males do corpo, como doenças e anomalias. A maneira como nos expressamos linguisticamente sobre determinados eventos do corpo revela que lhes estão associados sentimentos e emoções que são correlações morais que é matizada dentro de dada configuração social.

O modo como nos expressamos linguisticamente a respeito de determinados eventos, como por exemplo, utilizar expressões como “chico” ou “boi” para nos referir a menstruação, constituem discursos, que por sua vez, são lugares de circulação e sentidos de gênero. Portanto, essa maneira codificada de falar da fisiologia feminina não configura necessariamente falta de conhecimento sobre a menstruação, mas, uma prática cultural na qual é comum ao se falar sobre o corpo feminino é comum o uso de metáforas, silêncios e murmúrios.

A relação entre comportamento e linguagem aqui, se apresenta no modo como, ao lidar com o tema da menstruação as pessoas lançam mão de uma linguagem codificada, marcada por silêncios e inibições que por sua vez constituem uma linguagem enquanto forma de comunicação que muitas vezes não se faz compreender através da palavra direta, mas, através de gestos, silêncios e códigos que nos apontam para assuntos ou situações tabus. Neste sentido, a palavra menstruação está investida de um significado de repressão e vergonha, que faz com que esta seja uma palavra do não dito, sendo evitada ou substituída por expressões que tem como objetivo amenizar o peso que carrega esta palavra. Essa forma segredada e codificada de falar da fisiologia feminina constitui uma prática cultural que esta associada a uma forma específica de se pensar a mulher. Assim, podemos perceber como o fenômeno menstrual está inserido em um campo simbólico no qual o tabu da menstruação aparece claramente nas várias maneiras de se referir ao corpo menstruado. Essa forma segredada e codificada de falar da fisiologia feminina constitui

uma prática cultural que esta associada a uma forma específica de se pensar a mulher. Com a menstruação não foi diferente, ao período menstrual foram lançadas uma série de metáforas que iam sendo incorporadas ao vocabulário popular.

Pensando dentro desta lógica, o sangue menstrual assim como outros fluidos e excreções do corpo humano tais como o suor, a sujeira corporal, o sêmen, o leite materno, constituem substâncias ambíguas sendo, portanto, objeto de tabu. Tais substâncias são ambíguas quando pensadas dentro dos limites da relação entre natureza e cultura. Como classificar nestes casos o que pertence ao mundo da cultura e o que se refere exclusivamente ao domínio da natureza quando se trata de substâncias que ao mesmo tempo em que são naturais pelo fato de provirem do corpo humano, são culturais à medida que geram sensações, práticas e comportamentos que são forjadas em um contexto social.

### **Pêpê e Pápá**

Práticas, como esconder e silenciar o corpo durante a menstruação, tornando este um assunto do segredo, constituíram modos variados de vivenciar o corpo. Os cuidados com o corpo durante o período de sangramento, associando-o, muitas vezes a um estado de debilidade, são noções que relacionam a menstruação a um estado doente do corpo, como diz dona Açucena: *“ela está doente dos tempos”*.

Assim, a menstruação é associada à doença, a contaminação, a impureza, exigindo cuidados como: não lavar a cabeça, não comer determinados alimentos nem participar da sua produção seja na colheita seja na preparação de refeições. Estas, entre outras tantas, mencionadas aqui, constituem modos particulares de vivenciar a menstruação. Para algumas mulheres, os cuidados com a alimentação e a higiene do corpo durante a menstruação se deram de forma menos rígida, principalmente mulheres mais jovens entre 26 a 40 anos de idade, a preocupação com os cuidados com o corpo durante a menstruação se davam de forma menos severa do que entre as sexagenárias.

Aí, eu fui contar a história, né. Mais eu já tava no fim. Aí que ela foi me ensinar que tinha que botar paninho que, que tinha que pêpê e pápá, que não podia tomar banho, que não podia chupar manga, que não podia chupar abacaxi. Tudo eu tinha feito, tudo. Porque ninguém me falou nada, por falta de informação, né. Apesar de quê, eu acho que não tem nada haver uma coisa com a outra porque se não eu já teria morrido, e eu não tive nada até hoje. A única coisa que eu tive depois foi uma suspensão de seis meses que eu fiquei sem menstruar, mais aí já foi outro caso. (Begônia, viúva, 73 anos de idade)

O fragmento de fala acima nos indica alguns pontos que consideramos significativos para compreensão acerca do corpo feminino enquanto um espaço marcado pela interdição e pelo desconhecimento. Ignorar o funcionamento do próprio corpo, não se refere tão somente a uma questão de falta de conhecimento, mas, sobretudo, de pensar o corpo feminino como um lugar obscuro, marcado por interdições, práticas e discursos que ajudam a construir todo um imaginário do corpo feminino como o espaço marcado por uma natureza desconhecida, permeado por fluidos misteriosos e especialmente perigosos.

Mamãe não deixava nem a gente tomar banho, nem lavar a cabeça, entendeu? A gente só se banhava do pescoço pra baixo, sabe? E às vezes também não era nem com água fria, se tivesse fazendo frio, mamãe não deixava a gente tomar com água fria, era morna. Era como se estivesse doente. A gente ficava durante os quatro dias da menstruação tomando só banho de assento, sem lavar a cabeça, tinha os dias de a pessoa lavar a cabeça, pra vista de hoje né? (Orquídea, viúva, 63 anos de idade).

Olhe minha mãe não deixava a gente comer nada carregado , jaca, manga, abacaxi, essas coisas ninguém comia isso aí. Peru, limão, carne de porco.... é guiné...não podia que é muito carregado , camarão, o povo diz que é muito carregado. Olhe , pertenceu a comida carregada, mamãe não deixava agente comer nada... pra vista de hoje em dia o povo leva tudo aí ,né....o povo hoje come de tudo. (Orquídea, viúva, 63 anos de idade).

Nas falas acima podemos constatar a importância da mãe no processo de formação social da mulher. A fala da mãe é apreendida por estas mulheres como uma lei que não é questionada, e que deve ser cumprida a risca. A autoridade materna sobre este assunto se dá não apenas pela experiência de vida de uma pessoa que já vivenciou fases do desenvolvimento corpóreo como, por exemplo, a menstruação e a maternidade, mas, por uma relação de afetividade. Como também é incontestável a autoridade que uma mulher exerce sobre a outra quando estão na relação mãe-filha. Em certa medida, podemos dizer que a mãe é o modelo social a partir do qual a filha é instada a se fazer.

Não ingerir determinados alimentos, nem ao menos tocá-los, não tomar banho, não lavar a cabeça, são algumas práticas que se repetiram ao longo das entrevistas aqui realizadas. Os trechos acima citados apresentam um conjunto de hábitos que nos informam sobre um modo de vivenciar a menstruação. Sendo assim, o corpo menstruado, estava sob a condição de debilidade, devendo, portanto, ser cuidado, através da observância de uma rígida dieta alimentar, além de outros cuidados como não lavar a cabeça, ou mesmo, tomar banho durante este período.

Todos estes cuidados que envolvem o corpo durante a menstruação indicam que o corpo menstruado, é um corpo que vivencia um estado, ou condição especial, o que, por

sua vez, garante também a mulher que vivencia este fenômeno uma condição de especialidade. O fato de sangrar ciclicamente através do canal vaginal promoveu práticas e cuidados que buscam controlar este corpo através de regras e procedimentos disciplinadores, como isolar, limpar, regradar o corpo durante a menstruação.

Mesmo o corpo feminino estando exposto nas artes de um modo geral, na pintura, na poesia, nos discursos médicos e científicos, as próprias mulheres não falam dele. Quando solicitadas por mim a falarem sobre sua experiência menstrual todas elas, umas mais, outras menos, demonstraram certo constrangimento ao falar sobre o assunto. As conversas se davam entre pausas, silêncios, risos e gestos que configuram maneiras muito particulares de falarem do corpo, em que as transformações pelas quais passam o corpo feminino durante a adolescência são marcadas por murmúrios, risos e vergonhas que fazem com que a menstruação para muitas mulheres seja um evento desconhecido, sendo a menarca uma experiência vivenciada na surpresa e no medo.

Ao se deparar com o primeiro fluxo menstrual a maioria das mulheres com quem conversamos nos relataram nada saber a respeito daquele sangramento antes, e até o momento em que vivenciavam a experiência menstrual pela primeira vez. A falta de conhecimento a respeito do tema antes da primeira experiência menstrual, nos permite perceber um processo de silenciamento quando o tema em pauta é o corpo feminino. O silêncio de mãe para filha sobre as transformações físicas que acompanham a puberdade como no caso da menstruação fazem desta experiência uma surpresa mesmo esta constituindo um processo natural ao qual todas as mulheres estão sujeitas. Para Begônia, a menstruação foi recebida na surpresa, já que nunca havia ouvido falar nada sobre menstruação:

Aí, quando eu menstruei a primeira vez, aquela coisa, menina foi um desespero, foi uma agonia tão grande. E eu não sabia como fazia porque não sabia que tinha que usar pano, na época não era absorvente não, isso é muito chique, na época era paninho mesmo, e eu não sabia de nada disso porque eu nunca tinha visto da minha mãe, ninguém me explicou. (Begônia, viúva, 63 anos de idade).

A relação mãe-filha passa por silêncios e segredos quando o assunto é o corpo da mulher e suas transformações. No caso das transformações físicas e orgânicas sofridas pelo corpo feminino ao longo do tempo, a menstruação se apresenta como uma experiência extremamente relevante que nos permite perceber os tabus que envolvem o corpo feminino, principalmente em seus aspectos mais íntimos. Ao ouvir os relatos aqui

compartilhados de mulheres que se dispuseram a dividir conosco lembranças e recordações que marcaram suas vivências e contribuíram de algum modo para que elas construíssem um senso de si mesmas.

A fala de Begônia demonstra sentimentos como o susto seguido de desespero que sentiu ao se deparar com o sangramento proveniente da primeira menstruação (menarca). O medo, segundo ela, era resultado do desconhecimento de aspectos referentes à própria fisiologia. Quando ela diz: “eu não sabia de nada disso porque eu nunca tinha visto da minha mãe”. Podemos depreender a partir de alguns fragmentos da fala das mulheres com quem conversamos que a menstruação constitui uma experiência a ser vivenciado de forma solitária, constituindo, deste modo, um assunto do silêncio e do segredo. Assim, o corpo feminino e suas especificidades carregam certas marcas, como vergonha, silêncio, segredo, que podem indicar um senso social do que significa ser mulher. Dentre estas marcas a discrição e o silêncio com relação ao que acontece em seu próprio corpo são práticas que nos ajudam a compreender relações sociais que se expressam no modo como a mulher esconde e silencia seu corpo.

Normalmente quando somos mais jovens o assunto é um tabu. Na escola, é padrão esconder o absorvente no bolso do moletom e ter medo dos colegas de sala ver que estamos indo ao banheiro trocá-lo. As autoras do texto passaram por situações diferentes: a Carol já sofria bastante com piadinhas dos colegas na escola, e tinha absoluto pavor de que isso virasse mais um motivo para rirem dela. Já a Natasha nunca passou por isso, porém, não saía andando com o absorvente por aí, mostrando pra todo mundo! (Revista Capitolina, 22 de junho de 2015).

A fala acima foi retirada de uma revista online organizada por um grupo de jovens e tem como público alvo, garotas adolescentes. A revista abarca temas variados, mas que tem em comum, apresentar um conteúdo de orientação feminista que se apresenta como uma alternativa as jovens que não se sentem representadas pelos moldes tradicionais da adolescência. Nos chamou atenção especialmente, como a temática da menstruação é discutida em algumas edições da revista: “Ih vazou! Por que é tão feio falarmos de menstruação” (edição de 22/06/2016); “Desmistificando a menstruação” (edição de 28/03/2015); “Quê? Coletor menstrual?” (edição de 31/01/2015); “Game do mês: *Tampon Run*” (edição de 22/10/2014); “Absorventes: devemos mencionar?” (edição de 16/04/16); entre outras edições que mesmo não sendo inteiramente voltadas para a menstruação trazem a questão para o debate. Para nós foi interessante perceber que mesmo entre mulheres de diferentes gerações, que vivenciaram ou vivenciam a

menstruação em contextos sociais muito distintos, ainda assim, nos informam sobre como a menstruação ainda configura um tema tabu, marcado pelo constrangimento.

### **“Pronto, agora já sou moça”**

O modo como nos apropriamos do nosso corpo está indissociavelmente ligado a uma tentativa de gerenciar os processos corpóreos que se desenvolvem ao longo da trajetória de vida do indivíduo. Ao submeter-se ao ritmo menstrual, a mulher traz a tona fenômenos naturais que por mais que a cultura tente se apropriar através de costumes, valores que buscam determinar condutas e comportamentos sobre este corpo. Tales de Azevedo (1987) quando analisa os ciclos da vida, chama a atenção justamente para os significados que os homens vão atribuir às fases e momentos do seu desenvolvimento corpóreo.

A idade no sentido de que a vida de todas as pessoas segue um ciclo definido biologicamente é uma das constantes importantes sobre as quais repousa a organização social. Todo grupo étnico tem um conjunto de disposições e valores culturais relacionados com o crescimento das crianças, à medida que vão passando da primeira infância até o estágio em que se transformam em participantes totais das atividades adultas (...). O ciclo orgânico da vida determina um padrão que todas as pessoas seguem de modo mais ou menos semelhante: desmame, primeiros passos, puberdade, juventude, estado adulto, maturidade, velhice, sensibilidade, morte. (apud Keesing, 1961, p. 378 in Tales de Azevedo)

O modo como marcamos a menstruação em alguns grupos sociais através de cerimônias e rituais, entre as mulheres com quem conversamos pudemos perceber que esse fenômeno foi marcado não por ato cerimonial, mas por sentimentos e emoções que pontuavam esta experiência como uma experiência socialmente importante.

O surgimento do primeiro sangue menstrual configura para grande parte da população feminina um momento de transição, onde a mulher deixa de ser criança e passa agora a se enxergar como mulher, deixando de lado muitas vezes brincadeiras e comportamentos infantis e assumindo uma postura mais séria. Para essas mulheres a menstruação significou uma nova leitura de seus corpos, bem como a construção de um novo senso de si mesmas à medida que adotavam um novo comportamento. Desse modo, o ato da menstruação significou um momento de passagem da infância para uma nova condição, de mulher. Como nos diz a célebre frase de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Depois que a gente sabia o que era a gente ficava até alegre. Dizia: - Pronto, graças a Deus já estou moça! Agora a gente não vai mais ficar brincando de boneca, que isso aí é coisa de criança de ficar brincando de boneca. (Orquídea, viúva, 63 anos de idade)

Aí minha mãe ficava: - Ah porque agora você não é mais criança, porque agora você já é moça, por que agora já moça, porque não pode namorar porque se não se perde, porque não pode beijar se não se perde se pegar na mão já perdeu a honra. E eu pensava que honra, que diabo de honra, o quê que é honra né. E não namorava, eu não namorava mesmo. (Begônia, viúva 73 anos de idade).

O fato é que noções culturais a respeito das mulheres frequentemente estão associadas a características biológicas ou naturais (fertilidade, maternidade, menstruação). Desde cedo, já na adolescência a mulher é ensinada a limitar seus movimentos, andar moderadamente, sem correr. Todo esse cuidado em esconder e silenciar o corpo pode também ser pensado como uma forma de controle sobre os fenômenos naturais o que torna muito difícil e complexa a separação entre natureza e cultura. A menstruação é um elemento importante para se discutir a complexidade da divisão natureza/cultura à medida que traz para um plano cultural elementos de ordem natural, como o sangue que é vertido todos os meses pelo corpo feminino em seus ciclos menstruais.

O impacto da primeira menstruação na vida de Orquídea, que recebe este evento com satisfação, pois a menstruação lhe confere agora um status de moça, e não mais de criança. Neste sentido, a menstruação constitui para muitas mulheres uma espécie de passaporte da infância para a vida adulta. A partir da menstruação seu corpo experimenta sensações e mudanças que iram interferir diretamente no modo como a mulher irá se comportar a partir daquele momento.

Partimos do entendimento de que não existem processos estritamente biológicos, pois todo conhecimento é mediado pelas representações e subjetividades. Então, o que a ciência biológica descreve é algo substancialmente distinto daquilo que é concebido e vivido pelos seres humanos e sociais. Por outro lado, o discurso cientificista tendeu a considerar as crenças e valores que envolvem o corpo menstruado como resultante da ausência de conhecimento ou superstição. É que para nós, constitui-se num importante material de análise e reflexão sobre a construção das relações sociais.

Em seus estudos sobre a socialização do corpo Michael Foucault discute como práticas de educação e adestramento do corpo são empreendidas no sentido de promover uma domesticação do corpo enquanto um espaço que deve ser disciplinado e controlado. Em sua arqueologia do saber médico, Foucault discute como o saber médico contribuiu na elaboração de uma racionalidade científica juntamente com uma nova estruturação do poder que era sustentado pelo discurso médico. Dessa forma, os saberes médicos



sustentaram conceitos e representações sobre a natureza feminina e suas particularidades, atuando diretamente na construção de regras e normas que atingiam a mulher e sua construção identitária. Sendo assim, o discurso médico esteve inserido dentro do pensamento social, político e filosófico, entre os séculos XIX e XX, na implementação de reformas sociais, onde o corpo foi alvo de processos normativos de controle e disciplina, garantindo não só a saúde do indivíduo, mas, da sociedade. Neste sentido, a ciência moderna, se apresenta enquanto uma nova forma de enxergar e explicar o mundo, a partir de conceitos naturais e humanos, que buscam apreender o mundo natural por meio de métodos e técnicas como a observação empírica, a classificação, experimentação e a nomeação dos elementos, causando uma verdadeira revolução nos pilares das teorias científicas. As ciências ditas modernas impõem alguns princípios, nos quais o conhecimento passa a ser compreendido como um processo objetivo, calcado em preceitos dicotômicos, onde o observador encontra-se separado da realidade analisada, assim como a natureza e a cultura, dessa forma o corpo será avaliado em separado da mente.

Dentro desta perspectiva, o corpo feminino será pensado a partir de signos que se referem à maternidade, a inibição sexual, a domesticação do corpo, pautando o universo feminino dentro de um quadro de forças sociais que modelam comportamentos e valores femininos que enquadram a mulher em uma posição de submissão e recato, obedecendo, assim, a uma força moralizadora sociocultural. Vivenciada no silêncio e na vergonha, a menstruação constituiu um tabu para muitas mulheres, que relataram nada ou quase nada saber a respeito deste tema antes da primeira menstruação. Sem maiores indagações, estas mulheres aprenderam na própria experiência o que era a menstruação. O silenciamento de mãe para filha com relação à menstruação pode indicar uma prática que se dá em conformidade com um ideário feminino no qual ser mulher é silenciar o próprio corpo.

No entanto, entre nossas interlocutoras, além de sinalizar vida (fertilidade) ou morte (esterilidade), o sangue vertido pela mulher durante a menstruação tem um efeito transformador na experiência de vida, o primeiro sangue menstrual tem para muitas mulheres o significado de passagem para uma nova condição, antes menina agora moça. O sangue após a primeira relação sexual é para muitos, mulheres e homens um atestado de virgindade, neste caso, da perda da virgindade, o que configura também a passagem para uma nova condição a de moça (virgem, pura e casta) para mulher.

Quando minha irmã menstruou a primeira vez, eu acho que minha mãe até escondeu do meu pai, sabe, escondeu. Aí quando foi quando foi da outra vez, no próximo ciclo que ela menstruou, eu lembro que a gente estava até na

calçada brincando. Aí uma coleguinha disse: - Girassol, você está sangrando, aí ela correu pra casa, aí não teve como esconder do nosso pai, né. Porque o pessoal ficou comentando aí meu pai ficou sabendo né. Porque ele ainda não sabia que ela tinha menstruado. Ela tinha menstruado uma vez só e minha mãe escondeu do meu pai. Aí quando foi no próximo ciclo, ela menstruou novamente e ele não teve como não ficar sabendo. Quando ficou sabendo, ele (pai) queria bater nela (irmã) minha filha, avançou nela, minha mãe foi que ficou protegendo. Ele (pai) dizia que aquilo era coisa de mulher vagabunda, safada, que não era coisa de mulher direita. Eu digo: Minha nossa! Eu fiquei assombrada e morrendo de medo porque eu não tinha menstruado ainda, ela tinha quinze anos eu tinha treze né. Aí eu fiquei assombrada morrendo de medo até então. Minha menstruação também veio bem tarde e eu fiquei feliz né, porque eu vi aquela confusão e fiquei com medo de acontecer à mesma coisa comigo (Vitória Régia, casada, 43 anos de idade).

Vitória Régia aprendeu de forma traumática que a menstruação poderia indicar uma mudança de status social. A reação de seu pai ao saber que sua irmã havia menstruado, lhe causou medo, ao perceber que, menstruar poderia significar uma mudança que se manifestava de forma muito mais drástica nas relações familiares, do que no corpo. Podemos perceber nesta fala que, a menstruação produziu sentimentos como medo, raiva, angústia, vergonha, emoções que fazem deste evento um momento marcante não só na vida da jovem que o vivencia, mas dos familiares, que passam a vê-la de outro modo, como atesta o comportamento brusco do pai ao saber que a filha havia menstruado.

Há na corporeidade humana e na natureza do homem de modo geral, segundo as leituras que delas fazem as sociedades, uma contradição fundamental: a de ser o homem ao mesmo tempo um ser da natureza (isto é, um animal) e algo diferente de um animal (um ser cultural). Ao erigir-se em símbolo da estrutura social, o corpo, simultaneamente natureza e representante da cultura, condensa em si esta ambiguidade e reproduz simbolicamente ao mesmo tempo o que a sociedade deseja e o que a sociedade teme, as forças fastas e as forças nefastas. Paralelamente culturalizado e rebelde ao controle cultural, o corpo é “bom para pensar” a dualidade da estrutura social, exprimindo no que é corporalmente “puro” e “impuro” respectivamente o que a sociedade quer e não quer ser. (RODRIGUES, 1980, p. 149)

Um sangue que parece correr por uma via isolada, separadamente, diferente do sangue que circula pelo corpo. Busco compreender a lógica que norteia a representação que o sangue menstrual tem para um grupo de mulheres que identificam o sangue como uma substância nociva, misteriosa e mágica. Buscamos então refletir sobre como estas noções referentes ao fluxo menstrual identificam este sangramento indicam crenças a respeito do corpo da mulher.

Aí pronto, a gente estava no sofá, aí vazou. Quando eu olhei aí eu disse: - Que droga, eu fiquei imaginando que a mãe dele quando visse o sofá manchado de

sangue ia ficar com muita raiva. Aí ele (namorado) disse: Não Violeta, relaxa, minha mãe lava isso depois. Eu sabia que ela ia ficar muito irritada, porque lavar sangue de outra pessoa. Porque na minha cabeça todo mundo só não tem nojo do próprio sangue. Minha mãe não tem nojo do meu porque eu sou filha dela, mas aí os outros com certeza vão ficar com nojo. Minha irmã manchou o sofá, na casa de uma tia nossa, a minha tia ficou morrendo de raiva. (Violeta, 26 anos, professora).

Para discutir a repulsa acerca do sangue é mister se perguntar como, quando e por que o sangue é considerado nojento. Neste sentido, o sangue é visto como algo nojento quando pensado dentro de situações específicas. Um sangue proveniente de corte ou de um ferimento superficial no braço ou perna não é considerado repulsivo. No entanto, o sangramento menstrual é considerado nojento por ser uma substância que carrega uma noção simbólica de um sangue morto, parado, estéril, que deve ser evacuado do corpo. As reações que provocam determinadas substâncias portam mensagens sobre a vida social.

As sensações de nojo, vergonha e medo vivenciadas por Violeta ao sujar de sangue menstrual o sofá da sogra respondem a um sistema de pensamento que está apoiado em valores e crenças a respeito do corpo em que as manifestações afetivas que acompanham as reações de nojo estão diretamente relacionadas à intolerância do indivíduo a determinados produtos do corpo (RODRIGUES, 1980).

Violeta sentiu medo da reação ao ver o sofá manchado de sangue, pois aquela nódoa não era uma mancha qualquer, mas, uma marca que dentro do nosso sistema de pensamento representa algo que deve ser evitado. Neste caso, a mancha de sangue no sofá pode ser lida como uma transgressão do ponto de vista da moral em um universo simbólico. Assim, nossa ideia de sujeira é composta por duas coisas: cuidado com a higiene e respeito às convenções (DOUGLAS, 1966). Pois que se espera que a mulher menstruada esconda qualquer rastro deste sangue, mesmo que se saiba que o mesmo verte sem que tenhamos controle. Porém, a contradição aí se expressa de modo muito claro: é incontrolável e é vergonhoso, pois você deve ser capaz de controlar a enunciação do mesmo diante do mundo, especialmente diante de estranhos, de homens, de pessoas que estão na hierarquia numa situação superior. Uma mãe pode presenciar alguma marca, uma sogra não deve flagrar uma nora. E, para algumas, um homem não poderia, sob pena desta mulher ser diminuída.

As reações de repulsa ao sangue menstrual expressam a estreita relação entre o material objetivo proveniente de processos fisiológicos (menstruação) e o material subjetivo e moral proveniente de processos sociológico. Dentro deste raciocínio, o sangue

menstrual configura um elemento que é ao mesmo tempo significante e significativo, isto é, condensa em si tanto elementos da ordem do natural como da moral, dos valores que envolvem o processo menstrual e que se expressam no modo como nos comportamos frente a este sangramento. Assim, analisamos a reação de nojo e repulsa diante do sangue menstrual como um ponto de conexão entre elementos de ordem física e elementos de ordem moral que nos ajuda a pensar sobre a relação que o indivíduo estabelece com o seu corpo e com os alheios.

Nos diálogos estabelecidos com as entrevistadas é claramente perceptível às sensações que causavam este assunto, aos adjetivos negativos ligados sempre a sujeira e impureza, tais como: mau cheiro, nojento, podre, seboso, entre outros [aqui você ganharia se recuperasse e listasse para nós as expressões]. As falas a esse respeito vinham sempre acompanhadas de gestos e expressões faciais de nojo e repulsa. Portanto, é através das falas de nossas entrevistadas que buscamos chamar a atenção no sentido de perceber as estruturas abstratas que organizam o modo como nos relacionamos com os produtos do nosso próprio corpo e que são inconscientemente internalizadas ganhando forma e expressão em práticas e crenças a respeito do sangue menstrual como uma substância poluída e carregada de impureza.

Antigamente dizia que estava doente dos tempos. Dizia: fulana 'tá doente de que? Dos tempos, dos tempos dela. Não tinha história de menstruação, menstruação é agora. Esse negócio de menstruação é novo. De chico, de boi, dos tempos, dizia: - mulher fulana está doente de que? Dos tempos dela, os tempos dela chegou. Era minha filha, era desse jeito, era tempo, era chico, era boi. (Açucena, divorciada, 66 anos de idade).

Esse modo de se referir ao sangue menstrual por meio de palavras, código e metáforas que dão ao sangue uma conotação pejorativa que associam o estado menstrual a um estado de debilidade física como podemos verificar na expressão doente dos tempos, traduzem todo um comportamento social. Indica também a ideia de uma alternância, pois de tempos em tempos, de ciclo em ciclo. Por outro lado, o chico, como se diz, não se refere a um nome masculino específico. Quer parecer algo genérico. A escolha do nome boi então é mais desafiante ainda, pois é o boi um touro castrado e, também, em muitas regiões do Brasil o termo que se utiliza para significar um homem traído pela esposa.

Trata-se de discutirmos como ao sangue menstrual é atribuído um sentido pejorativo, ao mesmo tempo em que é percebido também como sinônimo de fertilidade, saúde e poder. Estamos diante da potencialidade deste elemento, que simbolicamente

encarna de modo polimorfo potências contraditórias. Portanto, o modo como, lidamos com os produtos do nosso corpo está referenciado em matrizes culturais que norteiam as práticas cotidianas de cuidado e higiene do corpo menstruado, que, por sua vez, envolve uma visão de mundo e todo um sistema de representação social a respeito do corpo. Em nosso sistema de crenças à respeito do corpo, o fluxo menstrual é tido como uma substância transmissora de elementos que tanto podem ser poluidores, quanto podem ser encarado como sinal de prosperidade enquanto condutor de fertilidade.

Dentro desta perspectiva, o sangue menstrual tanto pode ser pensado como um sangue alheio à mulher que o verte, por se tratar de um sangramento involuntário, que foge ao seu controle, como também, o sangue e a mulher podem se espelhar de modo muito íntimo. A mulher pode se utilizar de artifícios que tenham a finalidade de reter ou aparar este sangue, como por exemplo, o uso de absorventes que tem como finalidade absorver o fluxo eliminado pela menstruação, ou mesmo o uso de paninhos como forma de tentar esconder aos olhos dos outros, este sangramento, mas não pode fazer parar de sangrar. É como se este sangue corresse por um canal isolado do resto do sangue que se distribui pelo corpo. Pois um sangramento provocado por um ferimento qualquer não provoca reações especiais. Ao passo que, ao sangue vertido pela menstruação são manifestadas expressões de nojo e repulsa.

As práticas higiênicas imunizam mais a ideias do que as coisas, e dentro desta lógica, o principal objetivo das práticas higiênicas consiste em estabelecer modelos de comportamentos, ao estabelecer, limites simbólicos que devem ser observados em nome da ordem. Dentro desta lógica, as coisas consideradas nojentas e poluídas são tidas como elementos que oferecem perigo, pois desafiam a ordem estabelecida. Logo, a análise das práticas de higienização do corpo menstruado deve ser pensada levando-se em conta o sistema social que estas práticas expressam. Segundo Rodrigues (1980), lavar não constitui uma prática instrumental de cuidado e preservação da saúde, mas um mecanismo simbólico inconsciente de separar domínios em oposição.

Mary Douglas (1966) analisa o processo de higienização como um esforço criativo e positivo de organização do espaço. Sendo assim, o Partindo do pressuposto de que a sujeira está diretamente vinculada à noção de desorganização, Mary Douglas (1966) analisa o processo de higienização como um esforço criativo e positivo de organização do espaço. Sendo assim, os rituais de purificação e processos de higienização nos informam a respeito de padrões simbólicos que se manifestam inconscientemente. Portanto, tanto as ideias de poluição quanto de higiene estão apoiadas em um conjunto de

crenças e valores morais que nos indicam como as noções de poluição se relacionam com a vida social.

Assim, práticas como isolar, esconder, limpar o corpo durante a menstruação implicam pensar sobre como certos modelos de higienização do corpo menstruado podem constituir uma mobilização inconsciente enquanto tentativa de controle deste corpo, ou mesmo, um modo de adequá-lo as expectativas sociais. Os odores podem se transformar em motivos de repulsa social, que gera uma imagem negativada.

A tentativa de regradar o corpo através de preceitos e proibições tais como: “não molhar a cabeça quando estiver naqueles dias”, não comer comida carregada, não correr, não cortar o cabelo, não manter relações sexuais, são algumas de uma série de restrições e cuidados com o corpo durante o período menstrual e que parecem indicar que mais do que uma terapêutica com o objetivo de preservar uma saúde ameaçada, parece funcionar como um demarcador de uma situação liminar, que tende a retirar esta mulher do cotidiano e lhe cria uma situação de dificuldades.

### **Considerações finais**

Em nossa sociedade a puberdade e a idade adulta são para a mulher foco de situações e funções que são definidas culturalmente e marcadas socialmente através de comportamentos e valores que assinalam a passagem de uma situação a outra. Portanto, a primeira menstruação, o matrimônio, o parto, a menopausa, são eventos que marcam a passagem para uma nova condição, de menina para moça (menstruação); de mulher para esposa (matrimônio); de esposa para mãe (parto); de mulher fértil para a condição de improdutiva (menopausa). São sequências ditadas biologicamente que marcadas socialmente, de modo que nos ajudam a perceber como a relação entre indivíduo e natureza, ou sociedade e natureza se desenvolvem de forma complexa através de uma relação de dependência de um em relação ao outro.

As marcações que atribuímos aos ritmos orgânicos fazem com que processos corporais afetem a vida humana socialmente. A forma como registramos ou celebramos certos momentos como uma espécie de passagem de uma condição para outra através de gestos, ações e atitudes está intimamente relacionada ao modo como nos reconhecemos socialmente enquanto mulher ou homem. Logo, ser mulher na sociedade ocidental passa pela vivência da puberdade e toda carga simbólica que carrega a menstruação, pelo

casamento e pela maternidade, entre outros momentos que marcam a trajetória social da mulher

O fato de sangrar ciclicamente submete a mulher a uma ordem natural que a coloca em uma condição de incompatibilidade com o universo da cultura que busca se afirmar através de uma relação de distanciamento e oposição em relação ao mundo natural. Estar sujeita aos ritmos silenciosos e discretos da vida coloca a mulher dentro de um determinado sistema de pensamento em uma situação marginal.

É importante ressaltar que o entendimento sobre como as pessoas compreendem a menstruação embora vivendo em condições socioeconômicas diferentes daquelas vivenciadas em outros períodos históricos apresentam crenças e procedimentos a respeito do corpo que nos ajudam a pensar como nossas ações, valores, crenças e comportamentos são tecidos historicamente que se expressa em uma visão de mundo e todo um sistema de representações sociais a respeito do corpo.

A forma como o discurso religioso se apropriou do corpo feminino e o modo como o expressa simbolicamente tem permeado a forma como os indivíduos se relacionam com o seu corpo e com os corpos alheios. Ao refletirmos sobre como os dogmas cristão interferem no modo como cuidamos, limpamos, isolamos e escondemos o corpo durante a menstruação, em que o corpo está diretamente associado à noção de impureza nos remetemos a um desafio com o qual tem se deparado os estudos antropológicos que consiste na relação natureza/cultura.

Acompanhando esta linha de raciocínio, as práticas, discursos e saberes que são formuladas sobre o corpo da mulher, neste caso, mais especificamente, sobre o corpo menstruado que se revelam nas falas de nossas entrevistadas, principalmente quando demonstram uma sensação de ojeriza e repúdio ao se referirem ao próprio corpo durante a menstruação, nos ajudam a compreender como os processos que se desenvolvem em nosso corpo não são exclusivamente biológicos, mas, constituem processo que se desdobram em um universo sociológico.

## Referências

ALLEN, P, FORTINO, D. *Ciclos menstruais*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

AZEVEDO, T. *O cotidiano e seus ritos*. Praia, Namoro e ciclos da vida. Recife: Massangana ; Fundação Joaquim Nabuco, 2004.

BANDINTER, E. Prefácio. In BANDINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. RJ, Nova Fronteira, 1995.

BEAUVOIR, S. *Lédeuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, 1993. Revista e atualizada no Brasil. 2 .ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

CASCUDO, L.C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 3 ed., Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972.

\_\_\_\_\_. *Meleagro: pesquisa do Catimbó e notas da magia branca no Brasil*. 2 Edição. Rio de Janeiro: Agi.,1978.

\_\_\_\_\_. *Superstição no Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1985.

CHARTIER, R.A. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1994.

CHAHON, V. L. *A Mulher Impura: menstruação e judaísmo*. Rio de Janeiro. Achiamé, 1982.

COUTINHO, E. *Menstruação: a sangria inútil*. São Paulo, Gente, 1996.

DA MATTA, R. Panema: uma tentativa de análise estrutural, In: *Ensaio de Antropologia Estrutural: o carnaval como um rito de passagem*, Petrópolis: Vozes, 1977.

DOUGLAS, M. *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*, 1966.

\_\_\_\_\_. *El Levítico como Literatura*. Barcelona: Gedisa, 2006.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 10. ed. Tradução: Maria T. e J. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. Apresentação: Roberto da Matta. Petrópolis: Vozes, 1977.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: 34, 1994.

LEAL, O, F. Benzedeiras e ruchas: sexo, gênero e sistema de cura tradicional. In.: *Cadernos de antropologia*. UFRGS/PPGAS, 1992.



\_\_\_\_\_ Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas. [Apresentado no XIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, Cidade do México], 1993.

LEACH, E. *As ideias de Lévi-Strauss*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1970.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis. Vozes, 1982.

LOURO, G. L. *Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós – estruturalista 2 ed.*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_ *Corpos que escapam*. Estudos Feministas. Brasília, 2003.

MARTIN, E. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.